

O jornalista de cartola foi mágico

BANDEIRA AMERICANA

No começo, a embaixada americana funcionava, em Brasília, dentro de um "trailer", ladeado por dois enormes mastros onde tremulavam as bandeiras brasileira e americana.

O trabalho de hasteamento era feito diariamente por dona Argentina, ainda hoje funcionária, que cuidava de tudo dentro do "trailer".

Um dia, chegou transferido o primeiro grupo de soldados americanos, e o hasteamento da bandeira passou a ser solene.

No primeiro dia, dona Argentina não entendia bem o que era que estava acontecendo, e ficou furiosa, porque "esses soldados estão querendo tomar o meu trabalho".

OS PRIMEIROS BANQUETES

Os primeiros banquetes realizados em Brasília sofriam a tremenda deficiência de falta de pessoal. O único hotel da cidade em bom nível, era o Brasília Palace, mas vivia sempre lotado, e não dispunha de gente em quantidade suficiente para deslocamentos. Se seus garçons e maitres fossem desviados para outra atividade, o hotel, sofreria, naturalmente, no serviço aos hóspedes.

Assim, uma vez o José Fernandes teve a seu cargo um banquete no Palácio da Alvorada. Recebeu um avião da FAB e trouxe tudo pronto do Rio, inclusive garçons.

Para surpresa geral, o avião transportou inclusive as barras de gelo que deveria ser servido nos drinks.

A PRIMEIRA PONTE

Não pensem os leitores, que foi a atual, a primeira ponte de Brasília. Antes de se formar o Lago, na altura do acampamento da Camargo Correia (perto da ponte atual) havia um riacho, que seria, depois, represado no Paranoá.

Esse riacho dava numa estrada que ia direto ao aeroporto, que é onde hoje fica a parte militar. Para se atravessar sem dar a volta pela Cidade Livre, foi construída uma ponte de madeira, uma "pinguela", propriamente dita, e por lá passavam todos que queriam ir ao aeroporto.

Por precaução contra a responsabilidade em caso de desastres, o DVO mandou colocar uma placa: "proibida a passagem de carros".

Com isto, entendia a Novacap, que em caso de acidente, o culpado seria a vítima, porque atravessou uma ponte que estava condenada a carros...

DOIS CANDANGOS

O auditório Dois Candangos recebeu este nome numa homenagem que o dr. Darcy Riqueiro, então Reitor, queria prestar aos dois únicos mortos durante a construção da Universidade de Brasília. Estavam fazendo as escavações para o Auditório, quando desabou uma barreira, e matou dois rapazes do Ceará. Daí a estranha denominação do auditório principal do campus da UnB.

Por sinal, esse auditório foi inaugurado com os candangos trabalhando junto aos primeiros convidados que chegavam.

A parede da esquerda, por exemplo, ainda não tinha sido terminada, quando começaram a chegar os primeiros convidados. Os pedreiros estavam colocando os últimos tijolos, e os tapeceiros imediatamente cobriram a parede, e houve a inauguração.

Quando chegavam também os convidados, os empregados da firma de móveis ainda estavam montando as últimas cadeiras.

O piso de mármore da entrada não foi lavado, mesmo porque a lama de fora era trazida toda nos sapatos dos visitantes.

OLHA, O MÁGICO!

As solenidades matinais do dia 21 de abril foram de traje a rigor, sendo exigido fraque a cartola. Terminadas as primeiras festas, já era hora de almoço, e o Mario Garofalo estava ciceroneando um grupo de senhoras dos diretores "associados".

Em seu "jêep", acomodou quatro senhoras em trajes longos, e de fraque e cartola foi até a W3, onde o almoço seria servido no Chez Willy, que acabava de se instalar ali, vindo da Cidade Livre.

Quando Garofalo parou o jeep em frente ao restaurante, havia muitos candangos que esperavam oportunidade de atendimento na Novacap, que

ficava na mesma quadra. O jeep chamou a atenção, porque senhoras elegantes, com vestidos reluzentes, saltavam em companhia de um cidadão de fraque e cartola.

O estupetação dos candangos foi grande, e a surpresa daqueles trajes nunca vistos espantava a maioria.

Até que um mais sabido, saiu da pequena multidão e disse em tom ainda capaz de ser ouvido por todos: "O homem é mágico, rapaz!"

CARNAVAL QUE NÃO HOUVE

Claudio Stockler era um próspero comerciante de terrenos, e seus escritórios na Cidade Livre viviam uma movimentação o ano inteiro. Ele fazia amizades com uma facilidade enorme, e uma vez resolveu fazer uma festa de carnaval. Isto foi, parece, em 1958.

Arranjou com o Martinho o salão da Associação Comercial, fez os convites, e no convite pedia a cada convidado que trouxesse companhia. Parece que cada um acreditou no outro, e na verdade o baile não se realizou por falta de damas.

Houve bebedeira e muita, a orquestra tocou, confraternizou, mas ninguém dançou, a não ser algumas vezes em que um frustrado cordão de marmanjos saiu pelo salão com copo na mão contando: "nós somos, as brabetas de Brasília, e viemos para a nova Capital"...etc.

SACOLANDIA

Ninguém sabia que aquela avenida seria chamada de W/3. Eram dois espigões de asfaltos separados pela poeira ou lama do canteiro central. Lá em cima, se chamava Fundação, porque a Fundação da Casa Popular começava a fazer as primeiras casas, que ficam hoje à altura da 712. Um pouco mais para cá, se chamava Novacap, porque a companhia tinha se transferido para o prédio novo. Daí até o Eixo Monumental, não havia nada. Era tudo mato.

Na Fundação foi se formando um núcleo dos candangos que chegavam. Os caminhões "pau-de-arara" desembocavam a "carga" num lugar conveniado, e o caminho era a Fundação. Ali, o candango ficava dois ou três dias, enquanto aguardava fichamento em algum acampamento.

Enquanto isto, dormia numa trempre

de galhos secos coberta por sacos de cimento vazios que eram atirados fora da obra.

Assim foi o começo de vida de muita gente em Brasília.

Conta-se que nessa época, um cearense escreveu para casa, dizendo que estava morando na "Sacolândia" e que fizera sua casa com cem sacos de cimento. Quando a notícia chegou ao Ceará, a interpretação foi otimista demais, e na semana seguinte chegava a Brasília um caminhão com gente de Brejo Santo, porque era muito progresso do contrêrrâneo fazer uma "casa tão grande com tanto material". Ele esqueceu de dizer que os sacos eram vazios...

JORNAL NO MATO

A pedra fundamental do "Correio Braziliense" foi lançada no dia 12 de setembro de 1959, quando se assinalava o último aniversário do presidente Juscelino Kubitschek antes da inauguração da cidade.

Ele havia sido convidado pelo dr. Assis Chateaubriand para estar presente, e manifestou seu interesse pessoal em participar dos festejos.

Era um dia de grande movimentação, e ele teve que estar presente a várias solenidades. Para tanto, utilizou helicóptero. Com tal transporte, jamais poderia chegar ao local onde seria construído o Correio Braziliense, que ficava dentro do mato. Houve, então, uma sugestão aceita. A pedra fundamental seria lançada próxima ao asfalto, para o presidente chegar e presidir a solenidade.

Estavam presentes todos os diretores associados, que vieram de uma festa em Goiânia, onde se inaugurara o prédio novo da Folha de Goiás.

E, a pedra fundamental, então, foi lançada no lugar onde hoje está o Palácio da Justiça, por ficar mais próximo ao asfalto.

Outro detalhe, é que logo em seguida à solenidade, veio um jeep do DVO e levou a urna, as atas, os jornais e as moedas, para outra solenidade noutro lugar. Era a mesma urna para todas as solenidades, porque não houve tempo de se fazer uma para cada ato.



Sem o lago, sem a arborização de hoje e sem os gramados, o clima de Brasília, em agosto, era de uma secura desértica, com 12% de umidade relativa do ar, como o Saara. De 1957 a 1959, com os acampamentos e alojamentos feitos de madeira, os incêndios comuns e perigosos, algumas vezes com perdas de vida. Na foto momentos dramáticos de um incêndio ocorrido no dia 20 de agosto de 1959 e que destruiu a maior parte dos alojamentos de operários do IPASE, construídos na SQS 206. Operários, enfrentando o fogo, procuram salvar o que podem de seus pertences. Também sofreram incêndio os acampamentos do IAPC, na SQS. 106; do IAPETEC na SQS. 107 e um banco no Núcleo

Bandeirante. Felizmente a Caixa Forte do Banco era de alvenaria e o dinheiro foi salvo. O banco no dia seguinte já estava atendendo a seus clientes, num cantinho cedido por outro banco vizinho. Numerosos operários foram lá, retirar o dinheiro que tinham em depósito no banco sinistrado, para, em seguida voltar a depositá-lo, no mesmo banco. Eles queriam, como explicavam, ter a certeza de que suas economias não tinham sido destruídas pelas chamas. (Texto e foto de Manuel Mendes)